

# EMPERATRIZ

## PORCINA.

9  
R. 974

HISTORIA NOVAMENTE DA EMPERATRIZ PORCINA, mulher do Emperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o dito Emperador mandou matar a dita Senhora por hum testemunho, que lhe levantou o irmaõ do dito Emperador, e como escapou da morte, e dos muitos trabalhos, e fortunas, q̃ passou, e de como por sua bondade, e muita limpeza tornou a cobrar seu estado com mais honra, q̃ a do principio.



### LISBOA OCCIDENTAL,

Na Oficina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,  
Impressor do Santo Officio. Anno de 1718.

*Com todas as licenças necessarias.*

A custa de Miguel de Almeida e Vasconcellos, Mercador de livros, em cuja logea se acharão os mais Autos avulsos, para que tem Privilegio Real.

*Começa a Obra.*

**N**O tempo do Emperador,  
 que Lodonio se dizia,  
 que a graõ Cidade de Roma,  
 e seu Imperio regia,  
 cazado com a Emperatriz,  
 que Porcina nome havia,  
 por suas muitas virtudes,  
 fermosura, e valia,  
 como Princeza que era  
 filha do Graõ Rey de Ungria.  
 Tinha este Emperador  
 consigo em companhia,  
 hum irmão por nome Albano,  
 que elle muito queria,  
 por razaõ do parentesco  
 o mayor que ser podia.  
 Este nobre Emperador  
 bem dous annos estaria  
 com sua amada mulher  
 muy contente em demasia,  
 sem haver filho, nem filha,  
 pois assim Deos o queria,  
 e disto era servido  
 por muitos bens que fazia.  
 As viuvas amparava,  
 e os pobres soccorria,  
 as orfans todas cazava,  
 quantas na Cidade havia.  
 As obras de misericordia  
 com grande vontade fazia,  
 por amor de JESU Christo,  
 e da Sagrada MARIA.

Tinha este Emperador,  
 promettido huma romaria,  
 visitar a terra Santa  
 de Jerufalem havia,  
 e ver os Santos Lugares  
 todos os que nella havia,  
 nos quaes havia de estar  
 hum anno que assim cumpria.  
 Antes de sua partida  
 quiz fazer o que devia,  
 deixar por Governadores  
 a sua nobre Porcina,  
 e tambem a seu irmão,  
 que o povo assim o pedia.  
 Como isto foy acertado,  
 o povo ajuntar fazia.  
 Manifestou-lhe a partida,  
 que escuzarse não podia,  
 dizendo, que obedecessem,  
 sem curar de mais porfia  
 a sua amada mulher,  
 que em seu lugar ficaria,  
 e tambem a seu irmão,  
 pois tinha tanta valia.  
 Todo o povo está contente  
 do que o Emperador queria.  
 Acabando de comer  
 ás horas do meyo dia,  
 entrou no seu aposento,  
 onde a Emperatriz dormia,  
 vio-a estar tão chorosa  
 apartada de alegria,  
 como quem adevinhava,  
 o mal que ella não sabia.

com o rosto dissimulado,  
 encobrendo o que sentia,  
 disse-lhe desta maneira  
 com graõ pena em demasia:  
 Amada minha Porcina,  
 minha doce companhia,  
 lume dos meus cegos olhos,  
 espelho em que me eu via;  
 porque estais assim chorosa,  
 com taõ sobeja agonia,  
 porque de vernos assim  
 a alma se me sahia.  
 Mas se vós quereis Senhora,  
 deixarey a romaria,  
 mandarey outro por mim,  
 pois não se escusa esta via.  
 Respondeo a Emperatriz,  
 desta maneira dizia:  
 Não olheis vós, meu Senhor,  
 a fraqueza que em mim havia,  
 porque eu como mulher,  
 nunca deixarvos queria,  
 nem estar de vós apartada,  
 só hum momento nem hum dia.  
 Mas o que vós promettestes  
 outrem cumprir não podia,  
 que fora grande peccado,  
 que Deos muito estranharia.  
 Por tanto Nosso Senhor  
 seja sempre em vossa guia,  
 que eu vos encomendarey  
 a elle, e a Santa MARIA.  
 Despedio-se o Emperador,  
 sem curar de mais porfia,

abraçando a Emperatriz,  
 que mil lagrimas vertia,  
 porque no coração lhe dava,  
 que muy tarde o veria,  
 e depois d'elle partido  
 para sua romaria,  
 esta taõ nobre Senhora  
 quiz fazer o que devia  
 do governo do Imperio  
 com Albano em companhia,  
 que seu marido Lodonio,  
 nenhuma mingua fazia.  
 Como este Albano era  
 cheyo de toda a falsia,  
 amava a Emperatriz  
 já de muito tempo havia.  
 Morria por seus amores,  
 que todo se desfazia,  
 pela sua honestidade  
 della a não requeria,  
 e como agora tivesse  
 tempo para o que queria,  
 determina entrar com ella,  
 pois que fazello podia,  
 que como Governador  
 ella não estranharia.  
 Em estas cousas cuidando  
 està até o outro dia  
 às horas, que a Emperatriz  
 de sua cama se erguia.  
 Estava quasi despida,  
 porque a ninguem temia,  
 como vio entrar o cunhado  
 toda se estremecia,

porque a honestidade  
 tal cousa não requeria.  
 Como dentro entrou com ella  
 recolhida em demasia,  
 foy-lhe beijar as mãos  
 o que dantes não fazia.  
 A Emperatriz tão casta,  
 espantada em demasia,  
 cobrio-se com hum roupaõ  
 de ouro, e pedraria.  
 Como foy toda coberta,  
 que nada lhe apparecia,  
 com rosto muy vergonhoso;  
 encobrando o que sentia,  
 levantou-se logo em pé,  
 descalça na pedra fria,  
 espantada muy turbada  
 espera o que lhe dizia.  
 Disse-lhe o traidor cunhado  
 sem olhar o que devia.  
 Perdoayme alta Princeza  
 minha grande ouladia,  
 que onde ha força de amor,  
 não pôde haver cortesia.  
 Muitos dias ha, Senhora,  
 claro Sol do meyo dia,  
 que deleyjo descobrirvos  
 o que encobrir não podia;  
 que por vosso grande amor  
 ando triste sem alegria.  
 Se me vós não dais remedio  
 sem nenhum eu ficaria,  
 por tanto se vós quereis,  
 graõ praze receberia

de vós cazardes comigo,  
 sem curar de mais porfia.  
 Levantemo-nos no Imperio;  
 pois que fazer se podia,  
 sendo nós Governadores  
 ninguem no lo tolheria.  
 Se vós Senhora temeis  
 pelo que o povo diria,  
 eu irey matar meu irmão;  
 estando na Romaria.  
 Farlhe-hey dar tal peçonha,  
 que morra antes de hum dia.  
 Foy-lhe a Emperatriz à mão  
 ao mais que dizer queria,  
 abrazada toda em mágoa:  
 desta forte lhe respondia.  
 Por certo falso cunhado,  
 vós tendes grande ouladia;  
 vosso grande atrevimento  
 graõ castigo merecia,  
 em que me queimassem viva  
 nunca tal consenteria,  
 porque a fé, e lealdade,  
 que a meu marido devia,  
 em que me désssem mil mortes,  
 eu nunca a quebrantaria.  
 Tiraivos diante de mim,  
 traidor cheyo de falsia.  
 Vendo-a elle tão senhora  
 à graõ pressa se sabia  
 da camera onde estava,  
 que assim se despedia,  
 temendo que com seus brados  
muita gente acordaria,

acordou de entrar de noite  
na camera onde dormia,  
e que com taparlhe a boca  
feu desejo cumpriria.  
Descobrio ilto a hum page,  
que si-lhe parecia,  
porque o acompanhasse  
na traicaõ que commettia.  
Pareco-lhe a este page,  
que muy culpado seria  
se alli se deshonrasse  
senhora de tal valia.  
Determinou de dizerlhe,  
antes que chegasse o dia,  
porque naõ viesse a effeito,  
o que elle fazer queria.  
Como a Emperatriz o soube,  
com graõ pressa em demasia,  
o mandou logo prender  
na casa onde dormia.  
Mandou-o pôr n'uma Torre,  
que dentro no Passo havia.  
Depois que o Emperador  
acabou a sua ro maria,  
cumprindo sua promessa  
como a tal Senhora cumpria,  
determinou de tornar-se  
com muito grande alegria,  
porque esperava de ver  
a quem tanto lhe queria.  
Mandou diante hum correyo,  
que a saber lho fazia,  
como seria com ella,  
antes do oitavo dia,

com o qual a Emperatriz  
foy alegre em demasia.  
Fello a saber à Cidade,  
porque assim fazer devia,  
para fazer grandes festas  
a quem tanto merecia.  
Foy-se diante à prizaõ,  
onde o cunhado jazia,  
disse-lhe: Senhor cunhado,  
naõ tenhais tal fantasia,  
porque já vem vosso irmaõ,  
teremos grande alegria.  
Eu vos perdoo o passado,  
pois que ninguem o sabia,  
recebey o Emperador  
com toda a cavallaria,  
e levareis hum vestido,  
de ouro, e argentaria,  
que está feito para vós,  
que he de muita valia.  
Tirou-o da prizaõ fóra,  
foy com elle em companhia,  
porque ninguem naõ foubesse,  
o mal que feito havia.  
Cuidava o falso cunhado  
em como se vingaria  
de quem lhe fez tanto mal,  
pois a vella naõ podia.  
Foy-se a receber o irmaõ  
pela posta ao outro dia,  
vestido todo de dó,  
que o cavallo lhe cobria.  
Chegando onde elle vinha,  
vestido assim como hia,

fez-lhe grande acatamento,  
 fingindo mais que sohia,  
 quando vio o Emperador,  
 certo o não conhecia,  
 mas depois de o conhecer  
 muy turbado lhe dizia:  
 Dizeyme por Deos irmão,  
 ( porque assim o dó trazia )  
 como está a Emperatriz,  
 minha fiel companhia?  
 Dizeime se he morta, ou viva,  
 tiraime desta agonia,  
 que meu triste coração  
 graõ sobrefalto sentia.  
 Respondeo o falso irmão  
 com muy grande ouladia:  
 Eu vos direy a verdade  
 pela fé, que vos devia;  
 e porque sois meu irmão  
 a quem mentir não podia.  
 Depois que daqui partistes  
 para ir à romaria,  
 deixastes a Emperatriz,  
 e eu com ella em companhia,  
 para governar o Imperio  
 de Roma sua senhoria.  
 Provera a Deos fora eu  
 sepultado em terra fria,  
 antes de ficar com ella,  
 pois tal traição commettia.  
 Estando Senhor dormindo,  
 fóra de tão grande falsia,  
 entrou de noite comigo,  
 na cama donde dormia:

chegando à minha cama,  
 desta sórte me dizia:  
 que andava por mim perdida;  
 já muito tempo havia,  
 que cazasse eu com ella,  
 sem curar de mais profia,  
 e que logo Emperador  
 nessas horas me faria,  
 e quando vós viesseis,  
 que ella vos mataria  
 com muito forte peçonha,  
 que não vivestes hum dia,  
 e porque não contenti,  
 disse que eu a commettia:  
 e fezme logo prender,  
 o que ella merecia;  
 estive até agora prezo  
 com muy grande agonia:  
 esta, Senhor, he a verdade,  
 que de mim saber quera.  
 Quando o nobre Emperador  
 tão mal dita nova ouvia  
 daquella, que tanto amava  
 mais que a vida em que vivia,  
 cahio do cavallo em terra,  
 hum hora se amortecia.  
 Fizeraõ no tornar em si  
 com lhe deitar agua fria.  
 Cobrio-se logo de dó  
 com o que o irmão trazia.  
 Todo o amor, que lhe tinha,  
 em defamor se bolvia,  
 sem mais fallar com ninguem,  
 que a tristeza lho tolhia,

acordou de darlhe a morte ;  
que tão mal lha merecia.  
De noite secretamente ,  
o mais quieto que podia ,  
entrou dentro na Cidade  
à meya noite feria.  
Mandou tres homens dos seus  
sem outra mais companhia ,  
que tomassem a Emperatriz ,  
antes que viesse o dia ,  
em huma floresta cerrada ,  
por onde a gente não hia ,  
e a enterrassem vestida ,  
porque assim fazer cumpria ,  
e que se isto não fizessem ,  
a vida lhe custaria.  
Mandou-a logo entregar  
com os vestidos que trazia ,  
para receber aquelle ,  
que tão mal a recebia.  
Vendo-se assim levar ,  
suspeitando o que seria ,  
como discreta que era ,  
chea de sabedoria ,  
levantando o rosto ao Ceo ,  
desta maneira dizia :  
Encomendo a Deos minha alma ,  
e à Virgem Santa MARIA ,  
pois que me creou de nada ,  
por sua bondade pia.  
Lembraivos , Senhor de mim ,  
pois sem culpa padecia ,  
não olheis os meus peccados ,  
nem o mal que merecia ,

107  
mas vossa misericordia ,  
que todo o Mundo cobria.  
Eu perdoo a meu cunhado  
todo o mal que me fazia ,  
e tambem a meu marido ,  
porque enganado vivia.  
Os homens que a levavaõ ;  
onde padecer havia ,  
viraõ sua fermosura  
com a Lua que sahia.  
Differaõ huns aos outros :  
mal empregado feria ,  
a morte a esta Senhora ,  
pois que tem tanta valia.  
Gozemos primeiro della ,  
que a coma a terra fria.  
Nisto determinaraõ ,  
sem curar de mais profia.  
Respondeo a Emperatriz ,  
( bem vereis o que diria )  
fazey o que vos mandaraõ ,  
não cureis de fantasia.  
Deixay a minha limpeza ,  
para quem a merecia ,  
que se tocasseis em mim  
a vida vos custaria.  
Não curavaõ os algozes  
no que a Senhora dizia ,  
antes remeteraõ a ella  
com muy grande ousadia.  
A innocente cordeira ,  
vendo que a gente a despia ,  
começou a dar taes gritos  
que a floresta retenia ,

e como ainda era noite  
em grande parte se ouvia.  
Acertou de ouvilla hum Conde,  
que muita gente trazia,  
que vinha de Jerusaleem,  
onde muita gente hia,  
quiz Deos que aquella noite  
por alli fizesse via,  
para livrar a Princeza  
da pena que padecia.  
Como taes gritos ouviraõ,  
do cavallo se descia,  
e com muito grande pressa,  
na floresta se metia.  
Seguirãõ-no seus criados,  
cada hum como podia.  
Ao tom dos tristes gritos  
a gente toda seguia.  
Forãõ dar àquella parte,  
onde a coitada gemia,  
que com muy grande fraqueza  
a força lhe falecia,  
e se hum pouco mais tardava,  
sua honra se perdia.  
O Conde foy muy contente,  
que Clitaneo se dizia,  
vendo taõ grande maldade,  
com graõ pressa em demasia,  
disse: matay meus criados  
quem tal traiçaõ commettia.  
Todos forãõ logo mortos  
antes de huma Ave Maria,  
e a Emperatriz livrada,  
porque mal naõ merecia.

Deu-lhe a Emperatriz as graças  
do bem que feito havia,  
quando isto aconteceo,  
já era muy claro dia.  
Foy o Conde muy espantado,  
que quasi emudecia,  
de ver sua fermofura,  
mais que todas quantas via.  
Logo suspeitou que era  
senhora de graõ valia,  
assim por seu parecer,  
como pelo que vestia.  
Disse-lhe desta maneira,  
com muy grande cortesia.  
Naõ me negueis vós senhora  
isto que agora diria,  
porque naõ queria errar  
contra vossa senhoria.  
Vós sois de alta linhagem,  
isto eu o juraria.  
Se vós me dizeis quem sois,  
graõ prazer receberia.  
Quem vos trouxe a este lugar  
com taõ falsa companhia?  
Dizey-me toda a verdade  
sem curar de mais porfia.  
Respondeo-lhe a Emperatriz,  
porque encobrir se queria:  
Eu sou mal afortunada,  
que naõ sey porque nasci,  
por hum falso testemunho,  
perdi minha graõ valia,  
naõ vos posso mais dizer,  
porque escusado seria,



fenaõ quero-vos rogar  
 por Deos, e Santa MARIA,  
 me queirais levar com vosco,  
 em que eu naõ merecia:  
 fervirvos-hey como escrava  
 sempre de noite, e de dia.  
 Foy o Conde muy contente  
 de fazer o que dizia,  
 deulhe huma cavalgada  
 de muitas, que alli trazia.  
 Chegaraõ-se à pouxada  
 com muy grande alegria,  
 onde foy bem recebido  
 de sua mulher Sofia.  
 Coutoulhe o que passou  
 em a sua romaria,  
 tambem lhe apresentou  
 a Senhora, que trazia,  
 contoulhe como a achara;  
 que nada naõ lhe mentia.  
 Beijoulhe a Princeza as mãos,  
 ainda que ella naõ queria,  
 tomoulhe grande amor  
 a Condeça em demasia,  
 que naõ comia sem ella,  
 com ella folgava, e ria,  
 mais que sua irmã carnal  
 era o que lhe queria.  
 Até hum menino de teta,  
 que pouco mayor seria,  
 lho deu a Emperatriz,  
 e sempre com ella dormia.  
 Tinha o Conde hum irmão,  
 que Nataõ por nome havia,

o qual por essa Senhora  
 graves penas padecia,  
 naõ tinha nenhum prazer  
 o dia, que a naõ via.  
 Determinou descobrirlhe  
 como por ella morria,  
 e hum dia tendo lugar,  
 que a Condeça dormia,  
 disse-lhe desta maneira,  
 com grande dor que sentia.  
 Muy resplandecente Aurora,  
 claro Sol do meyo dia,  
 que fez o Eterno Pintor,  
 que todas as cousas cria,  
 minha alma por vós padece,  
 minha vida se perdia,  
 por isso me deu o amor  
 essa grande ousadia,  
 que ousasse a descobrir  
 o que o coração sentia,  
 o que vós tendes roubado  
 he liberdade, e alegria.  
 Estas crystallinas mãos  
 de aljofar, e pedraria,  
 me deixay beijar, Senhora,  
 pois que tem tanta valia.  
 Naõ consentais, que padeça  
 quem a vida requeria  
 para vos poder servir  
 como ella merecia.  
 Querendo-lhe a mão tomar,  
 a Emperatriz se deívia,  
 toda abrazada em ira  
 reposta lhe naõ dizia,

Senaõ olhara , Senhor ,  
o mal que nisto faria ,  
em manifestar às gentes  
vossa louca ouladia.

Tiray-vos diante de mim ,  
naõ cureis de mais porfia ,  
ou dilo-hey à Condeça ,  
minha senhora Sofia ,  
e tambem ao Senhor Conde ,  
que de mim muito se fia.

Sem curar de mais palavras ,  
na camera se recolhia ,  
queixando-se da fortuna ,  
porque tanto a perseguia.

Ficou taõ triste Nataõ ,  
quanto dizer naõ podia ,  
por taõ aspera reposta ,  
como della ouvido havia ,  
todo o amor , que lhe tinha  
em odio se convertia.

Determinou de vingarse  
por qualquer maneira , ou via.

Como a noite foy cerrada ,  
que já ceado havia ,

o Conde , e a Condeça ,  
e toda a mais companhia  
cada hum em seu aposento  
a dormir se recolhia ,

e tambem a Emperatriz  
à cama onde dormia ,  
levava comfigo o menino ,  
como de antes fazia.

Deixou a candeia acceza ,  
como de costume havia ,

assim como se deitou  
logo se adormecia .

com o menino nos braços ,  
porque muito lhe queria.  
Estava o falso espreitando ,  
como a cordeira dormia ,  
cançada de muitos choros ,  
que de continuo fazia ,  
lembrando-lhe seu marido ,  
e o bem que nelle perdia ,  
e que sendo Emperatriz  
de tanto estado , e valia ,  
agora como escrava  
de sua vassalla se via ,  
e que de hum seu irmaõ  
tanta afronta recebia.

Como vio este malvado ,  
que o somno a embebia ,  
tirou a porta do couce ,  
com hum engenho que trazia ,  
e foy direito à cama ,  
onde o sobrinho dormia ,  
degolou-o com hum cutello ,  
muy agudo em demasia.

Depois que o teve morto ,  
que com pé nem maõ bolia ,  
deixou o cutello nas mãos ,  
da innocente , que dormia ;  
e sahio cerrando a porta  
melhor que elle podia.

Era o sangue de tal sorte ,  
que do menino corria ,  
que o corpo da Emperatriz ,  
olhos , e mãos lhe enchia ,

( 11 )

como o tinha nos braços,  
 toda de sangue cobria,  
 entrando-lhe pela boca,  
 acordar logo a fazia.  
 Vendo na mão o cutello,  
 e o menino que jazia,  
 começou com grandes gritos  
 publicar o mal, que via.  
 Dizendo: Acuda à pressa  
 minha Senhora Sofia,  
 que mataraõ vosso filho,  
 minha doce companhia.  
 A's vozes que ella dava  
 a Condeça se erguia,  
 que ainda estava na cama,  
 porque era antes do dia,  
 e seu marido com ella  
 muy triste em demasia.  
 Vendo o filho como estava,  
 em terra logo cahia,  
 estava tal como morta,  
 que com pé nem mão bolia.  
 A coitada da Emperatriz  
 a alma se lhe fahia,  
 não podia suspeitar  
 quem tanto mal lhe fazia,  
 ainda que suspeitasse,  
 pouco lhe aproveitaria.  
 E nisto chegou o irmão,  
 que de prazer não cabia,  
 porque tanto se vingara  
 de quem tanto o offendia.  
 Disse o irmão a Clitaneo,  
 chorar por demais feria,

quem matou a meu sobrinho,  
 graõ castigo merecia.  
 Manday-ma vós queimar viva,  
 sem curar de mais porfia,  
 porque alli tem o cutello,  
 com que fez taõ graõ falsia.  
 Estas palavras dizendo,  
 a Condeça em si bolvia:  
 levantando-se em pé,  
 com o grande pezar, que havia,  
 vio estar a Emperatriz,  
 que finada parecia,  
 seu rosto maravilhoso  
 feito cor de terra fria,  
 seus olhos fontes de lagrimas;  
 com o chorar que fazia,  
 tinha o coração cerrado;  
 fallar a ninguem podia,  
 ainda que perguntavaõ,  
 a ninguem não respondia.  
 Estava como palmada  
 com estas cousas, que via.  
 a Condeça piedosa  
 com o bem, que lhe queria;  
 não podia esta Senhora  
 crer que tal ella faria.  
 Mas o malvado cunhado,  
 a todos os induzia,  
 que lhe déssem logo a morte;  
 que ella tambem merecia,  
 e se matar a mandava,  
 que elle a mataria,  
 por matar a seu sobrinho,  
 que tanto bem lhe queria,

chorando fingidamente ,  
 mostrando que lhe dohia ,  
 e para mais o mover ,  
 o cutello lhe trazia  
 todo cuberto de fangue  
 do innocente , que morria.  
 A pomba sem fel chorava  
 a tudo quanto alli via ,  
 não querendo desculparse ,  
 porque crida não seria ,  
 e não por temor da morte ,  
 que della não se temia ,  
 mas antes continuamente  
 a Deos sempre a pedia ,  
 que quem vive sempre triste ,  
 a morte lhe he alegria ,  
 e mais ella que estava  
 com tão sobeja agonia :  
 acordou fazerse muda ,  
 pois follar-lhe não valia ,  
 com quanto lhe perguntavaõ  
 vendo que não respondia.  
 Cuidando entaõ a Condeça ,  
 que culpada não seria ,  
 e quem matara seu filho ,  
 alguém , que mal lhe queria ,  
 e que ella era com pezar  
 de tal forte emudecida ,  
 e dizendo seu marido  
 isto que cuidado havia.  
 Parecia-lhe bem ao Conde  
 o que a Condeça dizia.  
 Por não dar tão cruel morte  
 a quem tão bem a servia ,

foy acordado entaõ  
 deiterraõlla sem porfia ,  
 e deiterraõlla em huma Ilha ,  
 que dentro no mar jazia ,  
 quarenta leguas de terra  
 onde gente não havia ;  
 e que alli de fome , e sede ,  
 sua culpa pagaria ,  
 e comida de animaes ,  
 disto não escaparia.  
 Como a noite foy chegada  
 às horas que anoitecia ,  
 manda que seja levada  
 por dous homens de valia ,  
 com ella duas mulheres ,  
 para ir em companhia ,  
 para que fosse guardada ,  
 sua honra como devia.  
 Em hum navio veleiro ,  
 a Emperatriz se metia ,  
 com lagrimas de seus olhos  
 da terra se despedia.  
 Chegaraõ à dita Ilha  
 à noite do outro dia ,  
 a Princeza deixaraõ em terra ,  
 com graõ choro em demasia.  
 Tornaraõ-se com o navio ,  
 porque assim fazer cumpria.  
 Quando a nobre Emperatriz  
 em tal lugar só se via ,  
 numa Ilha tão deferta ,  
 onde ninguem não vivia ,  
 fenaõ bravos animaes ,  
 de que ella manjar feria ,

chorando lagrimas tristés  
desta maneira dizia :  
Oh meu nobre Emperador ,  
meu bem , e minha alegria ,  
quam pouca he a vossa lēbrança  
de quem tanto vos queria.  
Quam pouco tempo durou  
nossa doce companhia ?  
Sempre cuidey de vós ver  
algum tempo , ou algum dia ,  
agora por meus peccados ,  
já mais nunca vos veria.  
Deos perdoe a vosso irmão ,  
e a Virgem Santa MARIA,  
que eu lhe perdoe aqui  
todo o mal , que me fazia.  
Oh Senhor , e só meu pay ,  
Principe , e Rey de Hungria ,  
quam triste vida será  
a vossa sem alegria ,  
em ouvindo taõ má fama ,  
que em Roma de mim corria.  
Mais sinto vosso pezar ,  
que minha grande agonia ,  
porque morrerey huma vez ,  
vós morreis cada dia.  
A vossa deshonna sinto ,  
que a morte naõ a temia ,  
porque mais ha de temer ,  
que taõ sem culpa morria.  
Estas palavras dizendo  
muy grande ruido ouvia ,  
taõ terrivel , e espantoso ,  
que soffrerse naõ podia.

Ouvindo isto a Senhora  
a força lhe falecia ,  
como era delicada  
em terra logo cahia.  
Estes eraõ animaes  
de muitos que na terra havia ,  
que tanto que a sentirãõ  
com graõ pressa em demasia  
correraõ para a comerem ,  
cada hum qual mais podia.  
Antes que a ella chegassem  
hum resplandor parecia.  
Estiverãõ todos quedos ,  
que nenhum se alli movia ,  
com temor de huma Senhora ,  
de quem o Inferno tremia ,  
onde vinha com magestade  
a Virgem Santa MARIA ,  
para guardar a limpeza  
de quem se a ella recorria.  
Chegou com grande amor  
onde a Emperatriz jazia ,  
disse-lhe desta maneira ,  
com suave melodia :  
Naõ temas minha Porcina ,  
que nenhum mal te veria ,  
eu sou a Madre de Deos ,  
a quem serves cada dia ,  
que te venho soccorrer  
em taõ extrema agonia.  
Naõ temas nenhum perigo ,  
Princeza nobre muy pia ,  
porque Deos será contigo  
sempre de noite , e de dia

por

por muitos bens que fizestes  
 de que elle se servia,  
 desta herva colherás,  
 que neste lugar nascia,  
 sem levar outra mistura  
 mais que sómente agua fria,  
 em a qual será cozida,  
 quanto te parecia:  
 e hum unguento farás  
 de grande preço, e valia,  
 com o qual darás laude  
 a quem a mister havia,  
 em nome do Redemptor,  
 Rey de toda a Monarquia.  
 Em estas palavras dizendo,  
 a Virgem ao Ceo sobia.  
 Os animaes que alli estavaõ  
 nenhum mais apparecia.  
 A Emperatriz Porcina,  
 muy alegre em demasia,  
 e dando a Deos as graças,  
 e à Sagrada MARIA,  
 e olheo daquella herva tanta,  
 quanta mister lhe fazia.  
 Acabando de colher,  
 hum navio à vèlla via.  
 Capeando-lhe com a mão  
 a genta à terra sabia,  
 muy espantados em vella,  
 perguntaraõ o que queria,  
 ou quem a trouxera alli,  
 onde ninguem naõ vivia.  
 Respondeo a Emperatriz,  
 desta maneira dizia,

que vindo com seu marido  
 para Roma sua via,  
 a graõ tormenta do mar  
 alli lançado os havia,  
 e a não foy dar à costa,  
 com a gente, que trazia,  
 e que ella escapara  
 só sem outra companhia.  
 Quero-vos rogar, irmãos,  
 por Deos, e por cortesia,  
 me leveis a terra firme,  
 que bem vo-lo pagaria,  
 todos foraõ muy contentes,  
 sem curar de mais porfia.  
 Como foy posta em terra,  
 com muy grande alegria,  
 foy-se direita ao Castello,  
 que de Alberto se dizia,  
 pelo nome do Senhor,  
 que sempre nella vivia,  
 o qual tinha sua mulher,  
 a quem elle muito queria,  
 doente de sangue fluxo.  
 que graõ pena padecia.  
 Naõ lhe davaõ cura os Mestres,  
 que grande pezar sentia.  
 A Emperatriz piedosa  
 licença ao marido pedia,  
 para curar sua mulher,  
 que tanto mister havia,  
 e assim logo entrou dentro  
 onde a mulher jazia,  
 untou-lhe todo o seu corpo  
 com unguento, que trazia,  
 pela

pela vontade de Deos  
 a faude recebia,  
 levanta-se logo em pé,  
 o que d'antes não fazia,  
 muito rija, e muy inteira,  
 e com grande melhoria,  
 chamando por seu marido,  
 o qual logo lhe acodia.  
 Disse-lhe como era sã  
 do graõ mal, que padecia,  
 abraçando a Emperatriz,  
 tão leda que não cabia  
 tomoulhe tão grande amor,  
 como a razão o pedia.  
 Muita gente vinha ver  
 espantada do que ouvia,  
 que fosse sã tão azinha,  
 quem tanto mal padecia.  
 Olhava a Emperatriz  
 de quem tal bem lhe fazia,  
 muy espantada de a ver,  
 tão fermosa em demasia,  
 farar tal enfermidade  
 com sua sabedoria.  
 Elles a isto assistindo,  
 hum cego apparecia,  
 chegando ao Castello,  
 que já dito vos havia,  
 quiz elle pedir esmola  
 assim como antes sohia.  
 Vendo-o a Emperatriz,  
 movida com obra pia,  
 curou-o em nome do Padre,  
 que todas as cousas cria,

do Filho, e do Espirito Santo,  
 que dentre ambos procedia,  
 a Santissima Trindade  
 faude lhe concedia.  
 Como o cego se vio saõ,  
 com graõ prazer, que sentia,  
 poz-le ante ella de joelhos,  
 dando vozes de alegria.  
 Levantou-o a Emperatriz,  
 que tal cousa não queria,  
 irmão day graças a Deos,  
 muy humilde lhe dizia,  
 que só vos deu a faude  
 com a sua sabedoria,  
 e a infinita bondade,  
 que terra, e mar enchia.  
 A fama destes milagres  
 pela terra se estendia,  
 a Clitaneo contaraõ,  
 e a sua mulher Sofia,  
 os quaes foraõ muy alegres  
 pele que agora diria.  
 Nataõ aquelle malvado,  
 que arriba lhe dizia,  
 que matou a seu sobrinho,  
 do qual não se arrependia,  
 que offendendo tanto aquella,  
 que nenhum mal merecia.  
 Depois de ser desterrada  
 antes de passar hum dia,  
 veyo fazer-se gafo,  
 que nenhum remedio havia  
 se não pagar com a morte  
 no Inferno o que devia.

Era tal sua doença  
 que tudo aborrecia.  
 Ninguém não chegava a elle,  
 tão fortemente fedia.  
 Acordou pois Clitaneo  
 ( porque muito lhe dizia )  
 de logo levar comfigo,  
 onde Alberto vivia,  
 pois que era seu parente,  
 grande amigo em demasia.  
 Disse tambem a mulher,  
 que com elle ir queria.  
 Meterão-no em humas andas  
 onde quedo ir podia.  
 Partirão todos de casa  
 quando a luz apparecia,  
 chegaram ao dito Castello  
 à meya noite feria,  
 no qual o parente Alberto  
 muy alegre o recebia.  
 Ao tempo que alli chegaraõ  
 a Emperatriz dormia,  
 e não a puderaõ ver  
 até que foy bem de dia.  
 Como foy pela manhã  
 a recebello fahia,  
 com a quelle acatamento,  
 que a humildade devia.  
 Todos receberão a ella  
 com muy grande cortesia.  
 E quiz Nosso Senhor Deos,  
 que ninguem a conhecia,  
 o Conde, e a Condeça,  
 nem a sua companhia.

Todos eraõ espantados  
 do primor, que nella havia.  
 Contou Clitaneo entãõ  
 a causa, que os trazia,  
 pela doença do irmão,  
 que tal tormento sentia,  
 dizendo, que Deos lhe dera  
 tal graça, e tal valia,  
 que lho quizesse curar,  
 como aos outros fazia,  
 que se por paga houvesse,  
 quanto quizesse lhe daria.  
 Respondeo a Emperatriz,  
 muy contente do que via,  
 para se manifestar  
 como sem culpa vivia,  
 que fossem onde elle estava,  
 porque ella ver o queria.  
 Foraõ as Senhoras com ella,  
 por lhe fazer companhia,  
 tambem todos os Senhores  
 para ver o que fazia.  
 Chegando onde elle estava,  
 tão fortemente fedia,  
 que sofrello não podiaõ  
 toda a gente que alli hia.  
 A Emperatriz piedosa  
 com a humildade que havia,  
 chegando à sua cama,  
 desta forte lhe dizia:  
 Meu irmão salve-o Deos,  
 que todas as coufas cria,  
 e a vós falve vossa alma,  
 e ao corpo de melhoria.



Vós irmão quereis ser saõ ?  
Disse elle que queria.

Havcis vos de confessar ,  
sem curar de mais porfia ,  
diante destes Senhores ,  
porque assim fazer cumpria ,  
e se vos não confessais ,  
saude vos não daria

Christo nosso Eterno Deos ,  
porque disso se fervia ,  
que digais publicamente  
o que a consciencia sentia.

Confessou-se logo à hora  
de tudo quanto sabia ,  
mas o que mais relevava ,  
callava que não dizia.

Disse-lhe a Emperatriz ,  
como quem o entendia :

Se tudo não confessais ,  
eu curarvos não podia ,  
porque hum grave peccado ,  
que a Deos muito offendia ,  
convém que satisfaçais

da honra , que se perdia ,  
daquella , que vós sabeis ,  
quam innocente vivia.

Como isto ouvio Nataõ ,  
muy fortemente gemia ,  
dava taõ grandes suspiros ,  
que a alma se lhe sahia ,  
como quem do que fizera ,  
muito se arrependia.

Disse-lhe entaõ o irmão ,  
vendo que tanto temia :

Como taõ grande peccado  
tendes vós na fantesia ,  
que não quereis confessar ,  
pois tanto vos cumpria ,  
por haverdes a faude ,  
de quem dar vola podia.

Respondeo logo Nataõ ;  
Senhor não tenho oufadia ,  
se vós não me perdoais ,  
e a vossa mulher Sofia.

Disse-lhe era contente ,  
e ella lhe aprazia.

Ouvindo isto Nataõ ,  
pois tal fazer não podia ,  
chorando lagrimas tristes ,  
com muy grave agonia ;

contou logo todo o caso  
de sua grande falsia ,

como matara o sobrinho  
na camera onde dormia ,  
porque ella não quizera  
fazer o que elle pedia ,  
e de como acometera ,  
e o que elle respondia.

Contou tudo sem deixar  
nada , que assim lhe cumpria .

Como isto ouvio a Condeça  
em terra se amortecia ,  
e seu marido Clitaneo  
o molmo tambem fazia.

Depois que tornou em si ,  
a Condeça assim dizia :

Oh malvado quem cuidara  
taõ grande hypocresia ,

porque dera o castigo ,  
 que tal traição merecia.  
 Eu perdi a mayor amiga ,  
 queninguem nunca perdia ,  
 minha fiel companheira ,  
 que a mim tanto me queria.  
 Não me peza de meu filho ,  
 em que a carne o requeria ,  
 porque como pequenino ,  
 muy pouca mingua fazia.  
 Mas vós minha Senhora ,  
 que eu matey com ousadia ,  
 tenho tão grande pezar ,  
 que a alma se me sabia.  
 Eu não posso perdoar  
 aquillo que não sabia.  
 E se eu lhe dey perdão  
 em muito me arrendia ,  
 nem meu senhor marido  
 perdoarlhe tal devia ,  
 porque sendo seu irmão ,  
 lhe fez tão grande falsia.  
 A prudente Emperatriz ,  
 muitas cousas lhe dizia ,  
 porém nada aproveitava ,  
 que tanto aborrecia ,  
 até que esta senhora  
 a todos se descobria ,  
 dizendo que ella era ,  
 por quem tanto se dohia.  
 Ouvindo isto a Condeça ,  
 pelo que em ella via  
 no resplandor de seu rosto ,  
 e na falla a conhecia ,

porque Deos lhe abriu os olhos  
 de sua sabedoria.  
 Foy-se com braços abertos  
 com muy grande alegria  
 aos seus da Emperatriz ,  
 que outra vez se elmorecia ,  
 porque tambem isto faz  
 a muy sobeja alegria ,  
 e seu marido Clitaneo  
 de contente não cabia.  
 Perdoaraõ a seu irmão ,  
 porque ella lho pedia ,  
 e logo quiz dar méfina  
 a quem lha não merecia.  
 untando lhe todo o corpo ,  
 e as chagas , que nelle havia ,  
 e tambem a sua boca ,  
 donde o mão cheiro sabia.  
 Em nome de JESU Christo  
 saude lhe concedia ,  
 mais saõ , e mais esforçado  
 do que antes ser sohia.  
 Como isto vio Nataõ  
 muy contente em demasia ,  
 foy-se fazer penitencia ,  
 onde mais não parecia.  
 Toda a gente que alli estava  
 tanta honra lhe fazia ,  
 como se todos souberaõ ,  
 sua grande senhoria.  
 Nunca della se apartava  
 sua amiga Sofia ,  
 tambem a mulher de Albano  
 que em extremo lhe queria.

Vinha de todas as partes,  
 alli enfermos cada dia,  
 aos quaes ella curava,  
 sem nenhuma fantasia,  
 ea todos dava saude,  
 porque Deos o permettia.  
 Como a fama era ligeira,  
 por todo o Mundo corria;  
 disse-se ao Emperador,  
 que em Roma residia,  
 o qual foy muito contente,  
 quando taes cousas ouvia,  
 porque tinha seu irmaõ,  
 de quem a cima dito havia,  
 doente de cama muy gafo,  
 que já viver naõ podia,  
 muito peyor, que Nataõ,  
 porque em tres casas fedia,  
 sua carne taõ malvada  
 já de bichos se comia.  
 Ninguem o podia ver,  
 porque logo adoecia,  
 que tanto era o fedor,  
 que de seu corpo sahia.  
 Como lhe certificassem,  
 ser de muy grande valia,  
 hum Duque manda por ella,  
 de quem muito se confia,  
 dizendo que lha trouxesse  
 antes do terceiro dia,  
 para que naõ visse a morte  
 a quem tanto lhe dohia.  
 Vendo o Duque seu mandado  
 à graõ pressa se partia,

chegando ao Castello,  
 Clitaneo o conhecia,  
 logo o foy receber  
 com muy grande cortesia,  
 fazendo-lhe aquella honra;  
 que tal Senhora merecia.  
 Como taõ pouca detença  
 o Duque fazer cumpria,  
 perguntou pela Senhora,  
 que tantas cousas fazia.  
 Como lhe fosse mostrada,  
 graõ espanto recebia  
 de ver sua fermosura  
 mais que todas quantas via,  
 lembrando-lhe a havia visto,  
 mas aonde lhe esquecia,  
 muito lóra de cuidar,  
 que a Emperatriz seria.  
 A muy nobre Emperatriz,  
 que muy bem o conhecia,  
 seu rosto maravilhoso,  
 delle sempre escondia,  
 de que todos se espantavaõ,  
 porque causa se cobria.  
 O Duque sem mais deter,  
 sua vinda lhe dizia,  
 contando-lhe como Albano,  
 cruel pena padecia,  
 e que o Emperador  
 lhe rogava, e lhe pedia,  
 que logo o fosse curar,  
 pois tanto mister havia,  
 e que se o dèsse saõ,  
 que elle lhe promettia.

fazella taõ graõ senhora ,  
 como ella bem veria.  
 Foy a Emperatriz contente ,  
 sem curar de mais porfia ,  
 determinou de ir com ella  
 sua amada Sofia ,  
 tambem a mulher de Albano  
 disse que naõ ficaria.  
 Assim ambos os maridos  
 lhe fizeraõ companhia ,  
 porque tambem desejavaõ  
 de ir a Roma em romaria.  
 Partiraõ com tanta pressa ,  
 que chegaraõ ao outro dia ,  
 à graõ Cidade de Roma ,  
 quando o Sol claro sahia.  
 Era tanta pelas ruas  
 a gente que a seguia ,  
 que quando chegaraõ ao Passo ,  
 caber nelle naõ podia.  
 O Emperador Lodonio  
 taõ alegre a recebia ,  
 que todos se espantavaõ  
 de sua grande alegria.  
 Foy-lhe a beijar as mãos ,  
 mas ella o naõ consentia ,  
 hia com o rosto coberto ,  
 que pouco lhe apparecia.  
 Como elle se vio diante  
 de quem mais que a si queria ,  
 naõ podia terse em pé  
 do graõ prazer que sentia,  
 O Emperador fez honra  
 a todos quantos trazia ,

mayormente a Clitaneo ;  
 por sua grande valia ,  
 centou-os todos à mesa ,  
 com todos juntos comia.  
 Em quanto durou o comer  
 os seus olhos naõ desvia  
 de sua amada mulher ,  
 que elle naõ conhecia ,  
 mas o coração lhe dava  
 sobrefaltos de alegria.  
 A prudente Emperatriz  
 o mesmo tambem fazia.  
 Acabando de comer  
 a seu marido dizia :  
 Clarissimo Emperador ,  
 Rey de toda a Monarquia ,  
 a quem devem fugeiçaõ ,  
 todos os que a terra cria :  
 eu como serva menor ,  
 de quantos no Mundo havia ,  
 conhecendo o graõ pezar ,  
 que tendes em demasia ,  
 pela doença do irmaõ ,  
 que tanto mal padecia ,  
 venho aqui para o curar ,  
 como quem em Deos confia ,  
 que elle lhe dará saude  
 por sua clemencia pia ,  
 por tanto eu quero vello ,  
 se senhor mo concedia.  
 O benigno Emperadoo  
 muito lhe agradecia.  
 Foraõ postos muitos cheiros  
 na cama onde jazia ,

porque de outra maneira  
 ninguem lá entrar queria.  
 Foraõ todos juntamente,  
 que ninguem ficar queria  
 à cama onde elle estava  
 que tanto mal padecia,  
 tinha taõ grandes tormentos  
 que a alma se lhe sahia.  
 A humilde Emperatriz,  
 por fazer o que devia,  
 a rogo de seu irmão,  
 a quem tanto amor havia,  
 chegando-se à sua cama,  
 salvando-o como sohia,  
 e fazer que o curava,  
 como quem seu mal sentia.  
 Albano lhe torna as graças,  
 muito alegre em demasi.  
 Disse-lhe a Emperatriz  
 com muy grande cortesia:  
 Convêm de se confessar  
 logo vossa Senhoria,  
 diante do Emperador,  
 e esta nobre companhia,  
 de todos os seus peccados,  
 que contra Deos com mettia,  
 se hum só fica por dizer,  
 farallo não me atrevia.  
 Respondeo logo Albano,  
 como quem já se temia,  
 que elle os seus peccados  
 ao Sacerdote diria,  
 e que de outra maneira  
 confessarse não podia.

Será logo por demais  
 ( a Emperatriz dizia )  
 minha vinda a este lugar,  
 pois nada aproveitaria.  
 O Emperador agastado,  
 a seu irmão respondia:  
 Quem agora vos curasse,  
 grande milagre fazia:  
 como o resurgir hum morto,  
 que come a terra fria,  
 e pois por tal vos contamos,  
 porque vos falta ousadia  
 de dizer vossos peccados  
 ante esta companhia?  
 Dizey-os por Deos irmão,  
 não cureis de mais porfia,  
 se vòs vos não confessais,  
 graõ pezar receberia.  
 Disse-lhe entaõ Albano  
 que pois elle só queria,  
 que logo lhe perdoasse  
 hum graõ mal que feito havia,  
 o qual era de tal sorte,  
 que perdão naẽmerecia,  
 e se lhe não perdoava,  
 que não se confessaria.  
 Respondeo-lhe o Emperador  
 que mil lhe perdoria,  
 e pois era seu irmão,  
 porque d'elle se temia?  
 Respondeo entaõ Albano  
 com graõ pezar, que sentia:  
 Bem sey, que fereis lembrado  
 daquelle taõ triste dia,

quanç

quando daqui vos partistes  
 para ir à romaria,  
 por Governador deixastes  
 como a razão o pedia,  
 a mim, e á Emperatriz,  
 que commetti com falsia.  
 Contou-lhe todo o successo,  
 que nada não lhe mentia.  
 Ouvindo o Emperador,  
 (bem vereis o que diria.)  
 Piedoso JESU Christo,  
 Eterna Sabedoria,  
 tão altos são teus mysterios  
 que ninguem os entendia,  
 quem cuidara que meu irmão  
 tão graõ traição me faria?  
 Eu fuy muy pouco discreto,  
 pois fiz o que não devia,  
 sem primeiro me informar  
 de quem o caso sabia.  
 O' minha amada mulher,  
 claro Sol, e luz do dia,  
 minha laborosa lembrança,  
 espelho em que me eu via,  
 como partistes queixosa  
 vossa tão penosa via,  
 de mim mais, que do cunhado  
 porque eu o merecia,  
 em vos matar tão sem culpa,  
 sem olhar o que fazia,  
 porque devera olhar  
 o que por razão feria,  
 que quem tem fiel amor,  
 nunca mudar se podia.

Peleijem os elementos,  
 abraza-se a terra feia,  
 para que conluma em si  
 quem tanto a Deos offendia,  
 Elcureça o Sol, e a Lua,  
 que todo o Mundo alumia  
 porque ajudem a meu pranto,  
 como a razão o pedia.  
 Estas palavras dizendo  
 com a dor amortecia:  
 era por morto julgado  
 da gente, queia assim o via.  
 Vem logo todos os Mestres,  
 cada hum como podia,  
 os quaes sabendo a verdade,  
 com muy grande agonia,  
 tantas cousas lhe fizeraõ  
 com sua sabedoria,  
 até que em si o tornaraõ  
 como de antes sohia.  
 Não quiz mais a Emperatriz  
 encobrir o que sentia.  
 Descobrio seu lindo rosto,  
 e a seu marido dizia:  
 Oh meu bem todo desejado,  
 minha doce companhia,  
 eu sou a que com razão  
 devo de ter alegria,  
 pois que Deos me deixou ver vos  
 como sempre lhe pedia,  
 se agora viesse a morte,  
 muy leda a receberia.  
 Eu sou a vossa Porcina  
 filha do Graõ Rey de Ungria,  
 que

que vós mandastes matar,  
pelo que não merecia. **Quize**  
me guardar **JESU** Christo,  
e a Virgem Santa **MARIA**,

por guardar minha innocencia,  
a quem tanto me queria.  
Poz-se ante elle de joelhos,  
ainda que o não merecia,  
por força lhe beija as mãos,  
mas elle não consentia.

Antes quando a conheceo,  
taõ graõ prazer recebia,  
que abraçando-a docemente  
todo o sentido perdia.

Naõ ha ninguem que escreva  
o que cada hum dizia,  
nem papel onde caber  
o que escrever se podia.

Em extremo se espantaraõ  
**Clitaneo**, e **Sofia**,  
vendo a Emperatriz  
de taõ grande senhoria,  
aquella, que em sua casa,  
como escrava os servia,  
que mandaraõ desterrar  
por culpa, que não havia.

Temendo-se que agora  
algum graõ mal lhe veria,  
as mãos postas de joelhos,  
muy tristes em demasia,  
chorando pedem perdaõ,  
que logo lhes concedia,  
fazendo-os levantar  
com muy grande cortesia.

A ambos os dous abraça,  
e chorando com alegria,  
contando ao Emperador  
o muito que lhes devia,  
que se por elle não fora,  
sua honra se perdia,  
e do grande agazalho,  
que cada hum lhe fazia,  
e que a vida, e honra  
a elles ambos devia:

O Emperador muy ledo,  
quando estas cousas ouvia,  
a Deos dava muitas graças,  
e à Virgem Santa **MARIA**,  
promettendo a **Clitaneo**,  
que elle lho pagaria,  
com fazello Graõ Senhor  
de todos quantos havia.

Tomou a Emperatriz  
a sua amada **Sofia**,  
por sua Camareira mór,  
pelo bem que lhe queria.  
Tudo quanto ella mandava  
no Imperio se fazia.

Determina o Emperador,  
por fazer o que devia,  
queimar a seu irmão vivo  
doente como jazia,  
dizendo, que mais merece,  
quem tal traiçaõ commettia.

A Emperatriz piedosa  
de joelhos lhe pedia  
lhe quizesse dar a vida,  
ainda que não merecia,

dizendo que bem bastava  
a pena, que padecia.  
Outorgou o Emperador,  
porque muy chorosa a via,  
porque a nobreza  
a muito mais se estendia.  
Leventou-se donde estava  
o que nella se veria,  
foy-se direita à cama,  
do que morrendo vivia.  
Untando-o com unguento,  
a faude recebia,  
ficou mais rijo, e disposto,  
do que antes ser sohia.  
Conheceo o Emperador  
sua virtude, e valia,  
que ainda era muito mais,  
do que elle cuidar podia.  
Seu irmão por nome Albano,  
que muito se arrependia,  
fez muy grande penitencia,  
porque à sua alma cumpria,  
morreo bemaventurado,  
porque bem se arrependia.

O Emperador Lodonio  
mandou fazer cada dia  
muito grandes Procissões  
a Deos, e a Santa MARIA,  
dando-lhe infinitas graças  
pelos bens, que lhe fazia.  
Fizeraõ por toda a Roma  
muitas festas de alegria.  
Os pobres se alegravaõ,  
e toda a gente dizia:  
Viva a nossa Emperatriz,  
que tanto-bem nos fazia.  
Hiaõ-na todos a ver,  
como vaõ à romaria.  
A todos benignamente  
a Senhora recebia,  
fazendo-lhe mais esmolas,  
do que ella antes sohia.  
O Emperador Lodonio  
tambem com vontade pia  
fazia muy grandes bens,  
a todos grandes bens fazia.  
Foraõ todos bemaventurados,  
segundo a historia dizia,

L A U S D E O.

RES  
77499